

***Travestis brasileiras: singularidades nacionais, desejos transnacionais*¹**

Autora: Larissa Pelúcio

Filiação institucional: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu - Unicamp

Resumo: No Brasil a categoria travesti descreve um tipo específico de expressão de gênero no qual os limites do masculino e feminino escapam. As travestis procuram marcar em seus corpos biologicamente masculinos signos do feminino mantendo, entretanto, o pênis com o qual e convivem sem grandes dilemas. A partir de uma “apropriação subversiva” de diversas técnicas protéticas, as travestis constroem seus corpos seja cirurgicamente, por via de ingestão de hormônios femininos e/ou valendo-se do saber de outras travestis chamadas de “bombadeiras”, aquelas injetam silicone industrial em outras travestis. Esses investimentos corporais são orientados por toda uma “engenharia erótica” que as consagra como pessoas bastante sexualizadas, até mesmo porque, a “não-inteligibilidade” de gênero que a figura da travesti encerra acaba por relegá-las à prostituição, o que reforça a relação entre travestilidade, desvio e criminalidade. As violências simbólicas e físicas cotidianas e as restrições de mercado de trabalho se somam aos desejos de mover-se presente na constituição da travestilidade, fazendo com que elas estejam sempre buscando experiências mais cosmopolitas capazes de possibilitar com mais rapidez e sucesso os seus projetos de feminilização. É neste marco que as viagens para a Europa têm se apresentado como uma das possibilidades de acesso financeira, bem como uma vida longe da marginalização e discriminação. Esse deslocamento só vislumbra-se como ditoso por haver uma demanda para o tipo de sexo e sexualidade que se espera das travestis. Pois é só na relação que o comércio pode ser pensado. Uma relação que passa pela associação entre exotismo e erotismo. Não se trataria só de um sexo com alguém de outra cultura e com padrões estéticos que evidenciariam esse pertencimento, mas também de um corpo no qual os gêneros “deslizam” e confundem, sugerindo práticas eróticas interditas.

Palavras-chave: travestilidades, mercado transnacional do sexo, exotismo/erotismo

Mover-se é “luxo”²

A história de Princesa, uma travesti brasileira que se notabilizou ao ter sua biografia transformada em livro e filme³, ilustra a itinerância das travestis na busca de um projeto de feminilização, da fuga da pobreza e da violência. Nascida no interior da Paraíba, Princesa ou Fernanda foi para Campina Grande, de onde fugiu para o Recife, de lá para Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, sua porta para a Espanha. Por fim, na Itália, Fernanda acabou presa, depois de agredir a senhoria da pensão em que morava, cansada que estava de ser sistematicamente perseguida por ela, não só por ser “viado”, mas também uma estrangeira.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. *Reunião Brasileira de Antropologia*, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Esta é uma expressão êmica que se refere a tudo que é sofisticado, belo e visivelmente caro.

³ Trata-se do livro *A Princesa – Depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas*, publicado no Brasil em 1994, pela Nova Fronteira. A biografia de Princesa foi escrita por Maurizio Janelli, um ex-brigadista e serviu de roteiro para o filme de mesmo nome dirigido em 1999 por Henrique Goldman, numa produção italiana e alemã.

Como assinala Cecília Patrício (2002), mover-se faz parte das construções de travestilidade⁴, não só porque implica em deslocamento territorial, mas, sobretudo, pela transformação permanente dos corpos e na fluidez, em termos de gênero, presente nas falas.

A “transformação”⁵, como projeto permanente de feminilização, vincula-se inextricavelmente à mobilidade como processo constituinte da travestilidade, no qual a ida para a Europa vem se apresentando como um ponto de viragem. Segundo relatos colhidos em pesquisa anterior⁶, esse deslocamento possibilita ganhos financeiros que se materializam bens materiais e simbólicos.

Princesa registra com insistência em seu livro que “na Europa a polícia não mata” (Albuquerque e Janelli. 1994: 104), certeza que foi se fixando a partir dos relatos das travestis que de lá voltavam, e que pareciam reafirmar a civilidade e superioridade dos europeus em relação aos povos do “sul”. Qualidades que podem ser absorvidas pelas travestis que para lá migram e adquirem um refinamento cosmopolita sintetizado na categoria “européia”. Ser uma “européia”⁷ confunde-se com a idéia de ser “bela” (termo que aponta para o sucesso na transformação/feminilização), como também de ser “fina”, isto é, mais sofisticada justamente por ser viajada e, por causa disso, angariar um tipo de conhecimentos tido como mais qualificado do que os adquiridos no Brasil.

⁴ Uso o conceito de travestilidades por considerar que ele alarga aspectos de categorização identitária do termo “travesti”, que pode ser bastante simplificador quando busca contemplar as gama de possibilidades de se viver está condição. A travestilidade aponta para possibilidades múltiplas de uma experiência ligada à construção e desconstrução de gêneros. Ainda que haja uma rigidez na gramática de gênero das travestis, há também uma patente fluidez na elaboração de categorias êmicas auto classificatórias, uma vez que estas estão estreitamente ligadas a marcas identitárias que se associam ao trânsito dos corpos pelos territórios, o que se vincula, por sua vez, às transformações desses mesmos corpos.

⁵ Ser travesti é algo continuado e sem fim, mas pode ser dividido em algumas etapas. A primeira delas é quando ainda se é “gayzinho” (classificação êmica), ou seja, já assumiu a orientação sexual para familiares e para “a sociedade” (como elas dizem, para um conjunto mais abrangente de pessoas), mas ainda não se vestem com roupas femininas ou ingerem hormônios. A fase seguinte é “montar-se”, que significa, no vocabulário próprio do universo homossexual masculino, vestir-se com roupas femininas, maquiarse de forma a esconder a marca da barba, ressaltar maçãs do rosto, evidenciar cílios, as pálpebras dos olhos e a boca. Nessa etapa, vestir-se com roupas femininas ainda é algo furtivo, restrito a momentos de lazer. O terceiro momento é o da “transformação”, uma fase mais nuançada, pois tanto pode envolver apenas depilação dos pêlos do corpo e vestir-se cada vez mais freqüentemente como mulher, como pode indicar o momento inicial de ingestão de hormônios, quando estes ainda não mostraram efeitos perceptíveis; finalmente, a quarta etapa, quando já se é travesti e, além do consumo de hormônios, passa-se a se vestir todo o tempo com roupas femininas (sobretudo roupas íntimas, pode estar de shorts, sem camisa, mas de calcinha) e planeja injetar silicone nos quadris e nádegas. (Pelúcio. 2005: 225). Obviamente trata-se de uma maneira esquemática de se apresentar esse processo, podendo, na empíria se apresentar de maneira menos linear.

⁶ Pesquisa de doutorado, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que resultou na tese *Nos Nervos, na Carne, na Pele – uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids*, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, SP.

⁷ Ser “européia” é uma categoria êmica que marca não só a experiência internacional da travesti, mas que a promove no mercado sexual brasileiro e, mais que isso, atribui a ela um status positivamente diferenciado entre seus pares.

Ainda que histórias de insucessos sobre essas viagens à Europa existam e circulem, estas são empalidecidas por referências ancestrais que relacionam o velho continente a toda uma cadeia de significados positivos, atualmente reforçada por outras tantas imagens divulgadas em sites, *blogs* e fóruns especializados que mostram travestis “plastificadas”⁸, isto é, bastante transformadas por cirurgias estéticas que contam dos sucessos obtidos do outro lado do oceano.

Para Gretta Sttar, travesti experiente, a atração pela Europa não se resume aos “*dólares e euros, (...) a gentileza e a beleza dos europeus chamam muita atenção, sem falar que lá elas [as travestis] estão bem mais perto do glamour e do luxo...*” (Em entrevista concedida a Paulinho Casé para o site Casa da Maitê:

http://www.casadamaite.com/index.php?option=com_content&task=view&id=3667&Itemid=101).

O glamour relaciona-se com a vida artística, o teatro, as dublagens em boates, os bailes de carnaval, enfim, a todo um conjunto de referências que localiza o sucesso de muitas travestis nos palcos (Green. 1999, Trevisan. 2004). Desta forma, o glamour se coloca também no contraste entre a aceitação *versus* o escárnio; o palco *versus* a prostituição; ser uma diva *versus* ser um “viado de peito”. O seu oposto é, portanto, a abjeção. Quanto ao luxo, proponho que este se refere não só a possibilidade de ascensão social e de fruição de bens materiais, mas o de poder viver legitimamente uma vida travesti. Isto inclui circular pelas ruas de dia sem sofrer humilhações; poder ter um marido; ser tratada no feminino, entre outros “luxos” que dificilmente experimentarão no Brasil.

Na pesquisa que desenvolvi durante o doutorado, viver no Brasil como travesti aparece para muitas colaboradoras como uma situação tão ou mais arriscada do que se prostituir na Espanha, Itália ou França. Laura Agustín aponta para uma realidade pouco problematizada quando se trata de migração, divulgada muitas vezes como um ato final e desesperado. O fato é que para muitas pessoas, o lugar de origem nem sempre é acolhedor e/ou promissor.

En la sentimentalización que se produce en torno a los “migrantes desarraigados”, son olvidadas las múltiples posibilidades de desgracia en casa. Muchas mujeres, homosexuales y transexuales están huyendo de prejuicios provincianos, trabajos sin perspectivas, calles peligrosas, padres autoritarios y novios violentos. La casa también puede ser un lugar aburrido y sofocante, como lo demuestra la gran cantidad de sitios de entretenimiento que se encuentran fuera de la casa (Agustín. 2006: 75).

⁸ Refiro-me aos não comerciais. Isto é, aqueles que não são sites que vendem assinaturas e/ou dedicam-se a anúncios de pessoas que se prostituem. No Brasil, um das plataformas mais acessadas é o Blog T (www.blogt.da.ru). Há diversos *blogs* mantidos por travestis onde também se pode verificar essa difusão da imagem da “européia”.

Os dados que tenho até o momento, provenientes dessa pesquisa, mostram que as travestis consideram os riscos desse deslocamento e fazem a opção por migrar orientadas pela realidade que as circunda e pelas possibilidades de ascensão e aceitação social que essa experiência promete. Esse deslocamento só vislumbra-se como ditoso por haver uma demanda para esse tipo de sexo e sexualidade, pois é só na relação que o comércio pode ser pensado. Uma relação que, proponho, passa pela associação entre exotismo e erotismo. O primeiro termo guarda um sentido amplo (semântico, estético, moral e político)⁹, posto que não se trataria só de fazer sexo com alguém de outra cultura e com padrões estéticos que evidenciaríamos esse pertencimento, sino também de um corpo no qual os gêneros “deslizam” e confundem, sugestionando práticas eróticas interditas e por isso, mais excitantes que as tidas como convencionais.

Se tomarmos o erotismo, como propõe Georges Bataille, como transgressão às convenções morais e seus vínculos com uma idéia de violência – como a transgressão dos limites do que ele chama de descontinuidade do ser e de como o masculino e o feminino atuam nesse processo que se relaciona com a violação de das interdições – abriremos um vasto campo para reflexões sobre a relação comercial entre travestis e clientela, seja no Brasil ou na Espanha, como discutirei mais à frente.

Gêneros, Corpos e Territórios

“A gente é tudo viado, mas as gays são as gays e as travestis são as travestis”, explica Sandra a Marcos Benedetti (2002: 08). Isso porque, diferentemente “das gays” as travestis buscam materializar em seus corpos um gênero, investindo diariamente nessa transformação. Tomam hormônios femininos, aplicam silicone líquido a fim de obterem formas arredondadas que as façam “parecer mulher”, como costumam dizer. Fazem transformações epidérmicas: extraem o pêlo do rosto, deixam o cabelo crescer, valorizam a maçã do rosto com o uso de cosméticos; se perfumam; pintam as unhas e, claro, se vestem com roupas femininas. Operam, a partir dessa inscrição na carne e na “alma”, uma transformação moral, adequando seu sexo, marcado pelo pêlo, a um gênero. E esta, à atração sexual que sentem pelo masculino.

⁹ Semanticamente o exótico refere-se não só ao que não é nativo, da terra, mas também àquele que é estranho, extravagante – e aqui temos os aspectos estéticos do termo –, como também àquele que é mal feito, desajeitado, mal acabado, definições que trazem implicações morais (Dicionário eletrônico Houaiss). Adriana Piscitelli chama atenção para as implicações políticas do termo, sublinhando que a “idéia de exotismo é construída através de procedimentos nos quais a alteridade é delineada mediante distinções inseridas em nítidas relações de desigualdade – no sentido de distribuições diferenciadas de poder (Piscitelli. 2002: 218).

Na visão das travestis o sexo masculino, marcado primordialmente pelo pênis, não se coadunaria com o gênero, definido, sobretudo, por “sentir-se mulher”; se soma ao desejo sexual por um outro homem. A suposta coerência dessa cadeia conforma pelo que Judith Butler chamou de “matriz de inteligibilidade” (Butler. 2003: 39). Os aspectos de descontinuidade e incoerência buscam ser corrigidos pela desconstrução do corpo masculino, que passará a ser proteticamente reconstruído partir de símbolos do feminino, tornando o gênero “inteligibilidade”. “Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidades entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (Butler. 2003: 38). Há, assim, uma “heterossexualização do desejo” que se coloca nas camadas de silicone e na ingestão de hormônios, que adequariam o corpo às práticas sexuais homorientadas e, sobretudo, a esse desejo. Dessa maneira, a admitida homossexualidade das travestis estaria mais de acordo com o gênero que elas constroem para si, ou melhor, que materializam em seus corpos¹⁰.

As experiências das travestilidades no Brasil têm se dado nas margens, constituídas a partir de processos sociais que não oferecem possibilidades para esses sujeitos se conformarem senão pelo contraste com a “normalidade”, entendida como uma vida dentro da heterossexualidade e de práticas eróticas orientadas pelo modelo pênis/vagina, com fins procriativos e sem conotações comerciais¹¹. Essa estreiteza nas possibilidades tem feito da prostituição um destino, mais que uma possibilidade de escolha, de maneira que as travestis tornem suas vidas habitáveis. Assim, o que procuro problematizar são estes processos sociais que as invisibilizam no plano dos direitos, as retiram das instituições e marcam seus corpos como desimportantes. Pensar na travestilidade a partir de um referencial que dialoga com a teoria *queer*¹², implica em um processo de

¹⁰ A construção, propõe Butler, implica processo temporal que opera através da reiteração de normas. Digo que a idéia de construção sugere que há uma certa autonomia dada a quem opera esse processo, quando de fato este não se dá sem uma relação com os efeitos produtivos e materializadores dos enunciados de poder (Butler. 2002: 28-29). Daí optar pelo termo “materialização”, por considerar que este está mais de acordo com o assujeitamento presente no processo de conformação corpo/gênero ao qual as travestis se submetem.

¹¹ Rubin, em *Pensando sobre Sexo* (2003), defende que a ideologia sexual popular mescla a idéia de pecado à de inferioridade psicológica, anticomunismo (observe que o texto foi publicado pela primeira vez em 1984, antes do colapso socialista, portanto), histeria de massa, acusações de bruxaria e xenofobia. A mídia, segundo ela, corroboraria esse sistema de estigma e preconceito, favorecendo e fixando uma hierarquia de valor sexual na qual, à “ralé sexual”, caberia a segregação e o infortúnio. No sistema de valores sexuais, o sexo “bom” seria aquele feito entre um homem e uma mulher, preferencialmente casados, monogâmicos, que visam fins procriativos e, assim, fazem um sexo não comercial. (Rubin. 2003: 26-27)

¹² É bom ter em mente o alerta que faz Marcia Ochoa: “hay que tener mucho cuidado: la palabra *queer* es una categoría local estadounidense (es como te llamaban en la escuela cuando se burlaban de ti), que mediante la hegemonía teórica que permite la publicación y circulación de textos estadounidenses por todo el mundo, ha viajado mucho, pero no tiene la misma resonancia en otros lugares”. (Ochoa. 2004: 254) O termo *queer* em português pode equivaler a estranho, excêntrico, como também a “viado”, “bicha”, sapatão, ou seja, identidades que a pessoa não escolhe, e que lhes são dirigidas para marcar sua diferença no que se refere às normas, sobretudo, as sexuais. Sua conotação em inglês é mais ofensiva, tratando-se de uma injúria que identifica o/a injuriado/a como desviante, y mais: anormal, defeituoso, impuro. O *queer* tem sido usado como insulto que procura denunciar no insultado sua

desconstrução das categorias classificatórias que estruturam discursos instituidores de verdades, a fim de verificar porque certos seres humanos são tidos como menos humanos e a quem cabe o direito de hierarquizá-los, julgá-los e, por vezes, condená-los. Com falas situadas a partir das margens, os teóricas/os *queer* procuram não só romper com o binarismo de gênero ou questionar noções clássicas do sujeito, da identidade, da agência, que têm permeado o debate de algumas teóricas feministas, bem como das ciências sociais, mas também conferir certo contorno ontológico àqueles que têm sido sistematicamente destituídos do privilégio da ontologia.¹³

Convivendo com as travestis, me chamou a atenção o que me soou, a princípio, como um paradoxo. Ao mesmo tempo em que elas desestabilizam, com suas experiências, o binarismo de gênero, mantendo-se submersas em uma heterossexualidade normalizadora. O que as leva a se reconhecerem como homens, mas que desejam “passar por mulher”. Isso significa mais do que estampar no corpo atributos físicos tidos como legítimos da mulher biológica, mas investir em uma educação corporal e moral que conforma um *ethos* próprio. (Miskolci e Pelúcio. 2006: 09).

Esse paradoxo se expressa também na forma como maior parte da população brasileira vê as travestis. Don Kulick e Charles Klein (2003: 04) mostram que no Brasil a relação de amor e ódio que a sociedade nutre em relação às travestis leva a consagrar algumas delas como celebridades, como se passou com Roberta Close, que nos anos de 1980 legou a posar nua para a revista *Playboy*, como também a se omitir e, até mesmo estimular, a violência física à qual as travestis têm sido historicamente alvo.

Os mencionados pesquisadores consideram que há um sentimento público ambivalente no que se refere às travestis no Brasil, posto que de fato, as pessoas não conseguem definir o que seria uma travesti. Essa dificuldade em localizá-las em uma definição segura de gênero e orientação sexual as faz fascinantes e perigosas, sedutoras e poluidoras, com sensível predominância dos segundos termos dessas díades. Essa indeterminação tem ido prejudicial para

“esquisitice”, estreitamente ligada à sexualidade, assim como a sua detectável “inadequação” de gênero. O *queer* foi assim, por anos, um termo denunciador por excelência. E quem denuncia e o que denuncia quando diz “*queer*”? Que forças de poder engendram categorias como “*queer*”, “*gay*”, “lésbica”, a ponto de fazê-las não identidades reivindicadas, mas termos de discursos que imputam, aos assim designados, um lugar marginal? Nos primeiros anos da década de 1990, questões como estas passaram a ser formuladas dentro do próprio movimento social das ditas minorias sexuais, sobretudo nos Estados Unidos. Uma de suas vertentes assume o termo *queer* a fim de marcar “sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade” (Louro. 2001: 546).

¹³ Para Butler “el dominio de la ontología es un territorio reglamentado: lo que se produce a dentro de él, lo que es de él excluido para que el dominio se constituya como tal, es un efecto del poder”. As travestis, vistas sistematicamente a partir de um prisma patologizante e/ou criminalizante, viram sua ontologia posta xeque dada a inteligibilidade de seus desejos materializada em seus corpos e comportamentos.

elas, ainda que as travestis saibam se valer disso como forma de defesa. Como pessoas que são constituídas por experiências marginais, as travestis desenvolvem respostas imaginativas para viver com recorrentes interpelações. Constroem imagens de perigo em torno de si; articulam uma rede de proteção que vai da casa até a rua, ainda que esta não evite que tenham fins trágicos, proporciona, mesmo assim, meios de trânsito e defesa. As travestis acionam o “escândalo”, a fim de alargar a abjeção, conseguindo, por vezes, atingir aos clientes, intimidar policiais ou ter voz em espaços de poder¹⁴.

Afinal, quem são as travestis? Para responder essa pergunta é preciso seguir por muitas trilhas, perseguir códigos-territórios, fixar-se nesses corpos que não cansam de ser nômades. Com a autoridade de quem desde os dez anos sabe-se “viado”, Melina diz que “travesti tem que ter alguma coisa de mulher, senão não é travesti. Tem que por silicone, seio”. É assim também que Moema, uma das informantes de Hélio Silva, define essa experiência, dando ênfase à ingestão de hormônio feminino para que a travesti seja o que ela. Nas falas colhidas por Marcos Benedetti, o hormônio aparece como fundamental para a construção da travestilidade, pois é essa substância que, ao misturar-se ao sangue, instaura “uma nova condição no corpo: a condição de travesti”.

As travestis sabem que não são mulheres, nem desejam sê-lo. São “outra coisa”, uma “coisa” difícil de explicar, porque tendo nascidos “homens”, desejam se parecer com mulheres, sem de fato ser uma, isto é: ter um útero e reproduzir. É assim que Junot, travesti veterana, me explica o que é ser mulher: “não é ter uma vagina, não! É ter útero, é dar a vida. Tem uns viados doidos aí que dizem que são como mulheres. Eu pergunto logo: ‘ah é?! Pariu quantos?!’. Pariu no máximo um furúnculo. Que mulher o quê?”. Dessa forma, para ser mulher mesmo é preciso ter “buceta/útero”¹⁵, compondo um sistema que faz da genitália e do aparelho reprodutor os definidores do que seria o verdadeiro gênero. As incorporações protéticas não as farão “mulher”, e sim “femininas”.¹⁶

¹⁴ Kulick e Klein analisam o “escândalo” como uma espécie de micro política, propondo que as travestis o utilizam como meio de estender o espaço de sua própria abjeção àqueles que a frequentemente as rechaçam, envergonham e oprimem (Kulick e Klein. 2003: 02). Essa “reterritorialização” da vergonha tem um sentido transgressivo, uma vez que a travesti usa seu poder de “contaminação” para implicar o “bom cidadão” aquele, que supostamente é “bom”, “limpo”, “ másculo”.

¹⁵ As travestis costumam se referir àquelas que “fizeram buceta”, isto é, se submeteram à operação de transgenitalização, como “capadas” e “loucas”. Sendo a loucura uma consequência não só da extração do pênis, mas da impossibilidade de gozar, reter no corpo um fluido que deveria ser expelido periodicamente.

¹⁶ Segundo Preciado, as disciplinas e tecnologias biopolíticas têm operado no sentido de reafirmarem as fronteiras entre feminino e masculino, exacerbando em cada corpo os signos desse pertencimento. “São máquinas para naturalizar o sexo” (Preciado. 2006), legitimadas pelo saber médico, que passou a desenvolver meios de intervenção cirúrgicos e químicos (hormonais) a fim de “adequar” o sexo das crianças intersex (os antigos hermafroditas) e das/dos transexuais. Essa adequação significa tornar esses corpos – e, assim, essas pessoas – inteligíveis, a partir de uma matriz heteronormativa. Quando travestis se valem dessa tecnologia protética e hormonal para transformarem

É no corpo – enquanto território de significados sociais –, que se materializa o gênero que a travesti deseja para si. Da escolha de um estilo de roupa e dos acessórios, passando pela sistemática eliminação dos pêlos, até as sessões de aplicação de silicone líquido, tudo isso vai dando forma não só ao corpo, mas promove toda uma mudança moral, que possibilitará, por sua vez, um deslocamento pelos territórios das travestilidades. A demarcação espacial é também moral e passa por jogos de poder pelos quais se determina quem pode ficar onde e os significados dessa fixação. Fixação que não pode ser confundida com imobilização/sedentarização, mas com aceitação e compartilhamentos de códigos que circulam e informam, mas que são fluidos. Não só porque a transformação é uma marca da travestilidade, fazendo do gayzinho de hoje a bela de amanhã que, por sua vez, pode ser simultaneamente a bandida e a européia; mas também pela reconfiguração permanente dos espaços, provocada pela dinâmica das relações entre poder público e espaço urbano.

A rua/pista/avenida/esquina, são termos adotados pelas travestis para falarem dos territórios de prostituição. Como categoria espacial e simbólica – ligada à noite, à boemia, aos prazeres e ao mercado do sexo –, a rua seduz. A avenida pode ser muitas vezes o único lugar onde a travesti se sinta bonita e desejada. Além de ser um ambiente para se encontrar homens que não se identificam com o universo gay, os chamados “homens de verdade”. É na esquina que as travestis têm pela primeira vez a sensação de pertencer a algum lugar. Um lugar que começa no corpo de uma outra travesti. A rua pode se apresentar como um ambiente de acolhimento quando meninos efeminados são violentados e colocados para fora dos espaços domésticos. É aí que a rua pode se apresentar como um espaço de acolhimento, onde se aprende estratégias para viver uma vida travesti.

A rua leva às casas/pensão, administradas pelas “cafetinas”, que podem ser também “mãe” e são quase sempre cuidadoras. À mãe ou madrinha cabe ensinar à sua filha as técnicas corporais, a potencializar atributos físicos para que ela se torne cada vez mais feminina. Ela ensina a tomar hormônios, sugere que partes do corpo a novata deve bombar e quantos litros pôr. Indica a bombadeira, travestis que injetam silicone líquido a fim de fazer o “corpo” de outra travesti, instrui quanto aos clientes e sobre as regras do pedaço. Apesar disso, a casa da cafetina é um espaço cheio de regras e obrigações. É ali que se aprende a ser travesti e se vive a

seus corpos de homens em “outra coisa” – pois não se tornam mulheres (nem o pretendem), e tampouco seguem sendo homens – estão denunciando, ainda que sem intencionalidade, que se pode fazer apropriações não planejadas dessas tecnologias. É neste sentido que elas, as tecnologias, falham. O uso das tecnologias do corpo que estão disponíveis é por elas (re)apropriado e (re)convertido, a partir da articulação de um saber próprio que, como se verá, tem na bombadeira sua detentora legítima, mas faz parte também da própria constituição da travesti como tal.

transformação. No corpo de “homem” vão sendo inscritas “coisas” de mulher, a partir de uma cuidadosa observação do feminino: bocas, olhares, movimento das mãos, jogos de cabelo, caminhadas sobre saltos. Qual seio, qual quadril, que coxas, qual rosto? As referências são buscadas naquelas mulheres que são prestigiadas pela mídia, que simbolizam o hiperfeminino, porque são divas do cinema ou do show business, isto é, mais do que mulheres, são “mulheríssimas” (Kulick. 1998). Normalmente este processo começa com intervenções epidérmicas, mas a marca da entrada no mundo travesti se dá com a ingestão de hormônios femininos. “O hormônio é como o alimento do corpo”, explica uma travesti de 20 poucos anos, já bastante transformada pelas plásticas, bem como pelo uso sistemático de hormônios. Esta substância se confunde com qualidades atribuídas simbólica e fisiologicamente ao sangue. Quando “hormonizadas”, as travestis passam a ter “no sangue” o feminino.

Se o hormônio é a feminilidade, o silicone é “a dor da beleza”. O corpo feito, todo “quebrado na plástica” é o sonho de muitas. Todas as travestis parecem saber que se bombar é perigoso. Ainda assim, a maioria não abre mão dessa técnica de transformação do corpo. Mas é fato que as que as travestis brasileiras, cada vez mais, têm procurado cirurgias plásticas em clínicas especializadas para colocar próteses nos seios, afinar o nariz, retirar o pomo-de-adão, entre outras intervenções que modelem seus corpos. A viagem até a Europa é para muitas travestis uma possibilidade de economizar dinheiro para realizar essas cirurgias com mais segurança e melhores resultados estéticos¹⁷.

Ingerir hormônios femininos em grande quantidades e/ou submeter-se a longas sessões para *bombar* o corpo é a forma de entrada no mundo das travestilidades. As dores desses processos são compartilhadas, são dores públicas, que anunciam a iniciação da novata. Há uma expectativa de que ela passe por isso para se tornar travesti, e não mais o “viadinho”, o “gayzinho”. Quanto mais a travesti conhecer, na carne, os efeitos desse pertencimento, mais os terá na “alma”, e terá esse reconhecimento por parte de outras travestis. Esses investimentos diários de dor e disciplina (depilar-se, por o pênis para trás, calçar salto alto) poderão promovê-la a “top” ou “diva”, e ela, quem sabe, poderá tornar-se uma “européia”, distanciando-se a cada passo, como acreditam, da abjeção e suas conseqüências. Estas sim, verdadeiramente dolorosas.

¹⁷ É interessante notar que mesmo aquelas que optaram por morar definitivamente na Europa, escolhem o Brasil para realizar as cirurgias. O País conseguiu fama nessa área de cirurgias plásticas também entre as travestis que não são brasileiras, vindo algumas a realizar suas cirurgias em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

Erótico e exótico

A vida de minhas entrevistadas parece marcada por um destino inescapável, pois que estreitamente ligado ao “tornar-se/ser travesti”. Perdas, exclusões e situações de violência compõem um enredo comum nas narrativas dessas travestis. Histórias que, muitas vezes, começam com o sentimento de ser “diferente”. Essa sensação é descrita como uma inadequação de comportamento, isto é, de não cumprirem o roteiro esperado um menino. Kulick defende que “travesti” tem estreita relação com o sistema de gênero brasileiro, como já discutido. Ao comparar as memórias de infância das travestis com as das transexuais, pretende nos fornecer elementos que corroboram sua tese de não equiparar as duas categorias.¹⁸

No Brasil, ainda que não haja uma definição precisa sobre as travestis, há no senso comum uma visão de que esta é uma identidade altamente sexualizada. As subjetividades travestis estão fortemente informadas por essa expectativa de sexualização. As travestis se dedicam à construção de toda uma “engenharia erótica” (Denizart 1997)¹⁹ capaz de dar a visibilidade a atributos associados ao feminino. Um feminino glamourizado que convive muitas vezes com atributos típicos da masculinidade (autonomia, independência, força física, valorização da honra, exacerbação da sexualidade). Talvez seja a percepção desses elementos de incongruência, fascínio e empenho transformador que as faça repetir o bordão “travesti é luxo, é glamour”. O luxo e o glamour são também categorias estruturantes desse processo²⁰, e por meio dessa assunção, uma vez mais a experiência internacional pode revelar sua dimensão englobante. Ainda que muitas travestis conheçam histórias de insucesso que evidenciam que o luxo não será para todas as “européias”, o sonho de viver essa experiência se mantém. Justamente porque ela se assenta em valores conformadores da travestilidade.

Passar pela Europa é um indicador de prestígio que pode se associar ao luxo na sua concepção abrangente, segundos os termos dessa rede de interações e conformação identitária. Porém, quais seriam os elementos na experiência num país europeu que reforçariam o glamour? Laura Agustín observa que “además de los factores económicos que pueden impulsar a estos

¹⁸ Ele escreve que entre transexuais norte-americanas e/ou européias, a questão da atração sexual não é marcante nas memórias de infância daquelas pessoas, que identificam sua “inadequação” pelo gosto por brincadeiras e indumentárias femininas e muito raramente pelo desejo sexual por meninos e homens.

¹⁹ O conceito de engenharia erótica remete à construção de um corpo altamente sexualizado, isto é, de uma estetização desse corpo a fim de consagrá-lo como primordialmente sexual. Assim, ter vários parceiros e fazer muito sexo se colocaria como uma consequência desse processo.

²⁰ Há na trajetória de construção da travestilidade patamares hierárquicos que devem ser alcançados, galgando-se, assim, um outro status dentro da rede de sociabilidade. A experiência no mercado transnacional do sexo tem se mostrado importante para as travestis justamente por ser capaz de viabilizar uma assunção que as promovera também no mercado nacional e entre os seus pares, criando possibilidades de vidas menos segregadas.

migrantes [do chamado Terceiro Mundo], existe el deseo de conocer el mundo, ser artista, independizarse o casarse, vivir en buenas casas y comer bien” (Agustín. 2005: 115). Para muitas travestis, a essas possibilidades soma-se o desejo de reproduzir a experiências daquelas que foram suas referências de sucesso na travestilidade. As que “passam por mulher”, que fazem ou fizeram shows e/ou filmes; que se destacaram de algum modo, trazendo para o universo estigmatizado e marginalizado das travestis outras possibilidades de existência distantes da abjeção.

A visibilidade obtida na rua encontra na transformação do corpo um vetor de transubstancialização, capaz de possibilitar, quem sabe, que elas achem

un hombre imaginario que indicará un privilegio de clase y de raza que promete un refugio permanente contra el racismo, la homofobia y la pobreza (...) El género es el vehículo de la transformación fantasmática de ese nexo de raza y clase, el sitio de su articulación (Butler. 2002:190-191).

Fazer “pista” na Europa, poderia ampliar a possibilidade de encontrar um “homem de verdade”²¹, diferente daqueles que parecem ser seu “destino” no Brasil. De acordo com relatos que recolhi ao longo do trabalho de doutorado, há uma expectativa das travestis em relação a esses homens europeus. Entre estas, a que mais parece impressioná-las é o fato deles as “assumirem” publicamente para além dos espaços do mercado do sexo, ao contrário do brasileiro²². O que faz o europeu “mais homem” é justamente não transgredir esse código moral da masculinidade: a coragem. Assim, além de poderem encontrar um “homem de verdade”, a Europa poderia criar uma possibilidade de saída da prostituição e proporcionar uma vida dentro de um roteiro que elas classificam como “normal”. Isto é, constituir família, circular de dia sem sofrer constrangimentos e serem merecedoras das mesmas gentilezas que estes dedicam às mulheres biológicas.

No Brasil a travesti é vista pelo senso comum como portadora de uma sexualidade desregrada, própria das classes populares. Visão que reforça a associação mecânica que se faz entre travestis e prostituição, termos tornados quase sinônimos nas falas cotidianas. Em relação à Europa me ocorre pensar se a locução “travesti brasileira” não encerraria, atualmente, um

²¹ Para a maioria das travestis, “homem de verdade” é aquele que reproduz no seu comportamento valores próprios da masculinidade hegemônica.

²² O que minha experiência etnográfica anterior mostra é que, no Brasil, os homens que as “assumirão” serão, na sua grande maioria, aqueles pertencentes às classes populares ou ao ambiente da prostituição, o que não as promoverá de classe ou lhes proporcionará uma vida fora das ruas.

pleonismo. O que pode sugerir uma “racialização”²³ dessa expressão de gênero e, ao mesmo tempo, uma generificação do Brasil. A sexualização persistente que se tem feito do País, visto e divulgado como um lugar de liberdade sexual, sensualidade e lascívia, confere-lhe atributos femininos e erotizados, essencializados pela naturalização de aspectos que são de fato histórica e politicamente construídos²⁴.

O esforço neste trabalho é de pensar as variáveis de diferenciação tais como gênero, sexualidade, nacionalidade, “raça” a partir da proposta de Avtar Brah. Isto é, como cada uma delas se constitui pela outra e é, ao mesmo tempo, constitutiva das demais (Brah. 2006: 351). A autora procura mostrar como intersecção desses marcadores precisa ser contextualizada dentro de “relações globais de poder” para que as suas consequências políticas se evidenciem (Idem. Ibid: 341). A construção de travestilidades é emblemática para se pensar essa “sobreposição de opressões”, uma vez que há um claro recorte de classe atravessando essas experiências de materialização de um gênero, que buscam corporificar uma feminilidade branquiada ou uma negritude sexualizada para o exercício de uma sexualidade tida como não convencional.

O erótico tem marcas históricas persistentes que dão sentido à transgressão e, assim, tornam os encontros mais ou menos excitantes conforme os signos da proibição e da interdição se apresentam. O colonialismo parece ser um desses eventos que saturou de signos eróticos não só as terras “exóticas”, mas também seus habitantes.

Nesse marco, a exotização e erotização do “outro” seriam formas de expressar simbolicamente, nas relações cotidianas, processos de dominação econômica e cultural que vieram se constituindo desde a primeira fase do expansionismo europeu e que, posteriormente, sustentaram discursos científicos que legitimaram a dominação desses espaços geográficos tidos como longínquos, e de seus habitantes. Estes, devidamente racializados e erotizados pelo cientificismo vitoriano, podiam ser explorados e “saboreados como tal” (Berquer, citado por Leclerc. 1973: 34). Nas palavras de Kempadoo, o “exotismo nas suas várias expressões trouxe legitimidade para as normas ocidentais e, distintamente de outros racismos, fomentou a ilusão de

²³ Assim como a feminilidade negra veio sendo representada pelos discursos coloniais como instintivamente sexual, licenciosa, imoral, patológica (Kempadoo. 2002: 02), a sexualidade travesti também tem sido classificada por esses predicados. Deste modo, a racialização de sua expressão de gênero estaria também associada à negritude, aos trópicos e à escravidão.

²⁴ Lucina Pontes ressalta que “estes processos têm como pano de fundo as relações desiguais entre países, em que as relações “centro-periferia” e expressam no campo simbólico em representações de tropicalidade e exotismo, em que os diferenciais de desenvolvimento e distribuição de renda são sensualizados” (Pontes. 2004: 232).

admiração e atração pelo Outro, enquanto autorizou o assassinato, o estupro, a violência e a escravização” (Kempadoo. 2002: 02. Tradução livre)²⁵.

Porém, alguns estudos já apontam que estes estereótipos e processos de exotização têm sido apropriados, consciente ou inconscientemente, pelas/pelos imigrantes, e podem funcionar como facilitadores para a sua circulação e permanência. Atuar a partir desses códigos não-verbais pode ser uma estratégia eficiente para assegurar o sucesso do deslocamento e a alocação dessa pessoa em um sítio interessante, seja de trabalho ou de relações afetivas²⁶. Ainda assim, a exotização/erotização pode, facilmente, ser lida como objetificação e exploração desse “outro”, sobretudo quando se trata de atuar como trabalhador/a do sexo, sem considerar a capacidade de ação e escolha que estas pessoas mobilizam em busca de espaços mais alvissareiros.

“O prazer de sentir o diverso” (Segalen apud Leitão. 2007) não se separa das experiências coloniais, dos mitos acerca do “outro” não-europeu, de um “orientalismo” (Said. 2007) como conhecimento articulado do centro de poder econômico e ideológico sobre uma vasta periferia, e assim, das relações de poder.

Pensar como os clientes (no Brasil e Espanha) incluem o consumo de sexo com travestis em seu repertório de práticas sexuais e a partir delas problematizam sua própria sexualidade exige que as reflexões teóricas sobre a articulação entre gênero, sexualidade e erotismo sejam aprofundadas, particularmente considerando as sexualidades ditas periféricas. Neste caminho, a relação entre sexualidade e corporalidade ganha relevo, posto que o corpo parece ser para as travestis o *locus* privilegiado de expressão de um gênero que não se desvincula facilmente das práticas eróticas e da própria idéia de raça. Quando Liza Lawer, Samantha Sheldon e Fernanda Galisteu escolhem seus nomes e sobrenomes, não o fazem de maneira casuística, mas a partir de um referencial em que raça, classe, gênero se encontram, se combinam. Mulheres glamourosas, sexualizadas, ricas, brancas e loiras orientam essa escolha sintetizada nos nomes e materializada nos corpos (Pelúcio. 2006: 197)²⁷.

²⁵ Texto no original: “exoticism in its various expressions brought legitimacy to western rule and is distinguished from other racisms in that it fostered the illusion of admiration for, and attraction to, the Other while enacting murder, rape, violence and enslavement”

²⁶ Ver Kempadoo. 2002 e Machado. 2003. No primeiro capítulo de sua tese sobre imigrantes brasileiros na cidade do Porto, Portugal, Machado faz um breve apanhado de outros estudos que exploraram a presença brasileira como imigrantes (Argentina, Estados Unidos e Japão) procurando mostrar como o processo de exotização/esteriotipação pode ser capitaneado positivamente em alguns contextos e noutros precisar ser renegociado e resignificado pelos brasileiros.

²⁷ É emblemática a recusa de muitas travestis que se reconhecem como “finas” e/ou européias de usar o bajubá, gíria falada nacionalmente pelas travestis e que tem sua origem no iorubá-nagô, assim como a persistente crítica que fazem àquelas que se voltam para o Candomblé e a Umbanda, religiões marcadamente negras.

À corporalidade subversiva da travestilidade, se contrapõe o corpo normalizado do cliente, moldado pelas expectativas sociais da masculinidade hegemônica²⁸. É na junção desses corpos que afloram desejos e transgressões.

O relato de um jovem turista espanhol postado em um fórum especializado em “transgêneros”²⁹ ilustra esse ponto.

*(...)Hace unos pocos años me fui de vacaciones (...) a Brasil (...) Quizá te suene a las típicas 'vacaciones sexuales'. (...)En Brasil, las mujeres consideran su culo como la parte del cuerpo más importante, o casi. Y aquella preciosa joven podía estar realmente orgullosa del suyo. (...)En Brasil, la gente es muy directa, y más aún cuando se trata de sexo... El caso es que después de un par de refrescos y un poco de charla [la chica de bello culo] me preguntó si podría ducharse en mi habitación. (...). Cuando ella salió tras una ducha rápida rodeada por una toalla (...) [,]se giró hacia mí y dejó caer la toalla. (..) Me tumbó en la cama (...). Cuando hice amago de empezar a descender por su vientre para llegar a su entrepierna, sus manos cogieron mi cara (...) [y] me susurró al oído: 'Tengo algo que enseñarte; algo que no te esperas' (...) **¡Era transexual! ¡Bellísima y muy femenina, pero transexual!** (...)Era una mezcla extraña para mí pero, tras un análisis tranquilo, llegué a la conclusión de que **era perfecta** (...). **Instintivamente y casi sin pensarlo acerqué mi lengua muy despacio hasta sus muslos y, llegando a su pene, comenzó a pasear mi lengua del mismo modo que ella lo había hecho conmigo.** (...)La situación era novedosa para mí, pues nunca antes había tenido ninguna experiencia con matices homosexuales. (...) Cambiamos de nuevo de postura, me tumbé boca arriba y ella se sentó sobre mis muslos para **que su pene quedara junto al mío, los dos erectos y calientes.** Yo estaba a punto de correrme cuando noté varias convulsiones en su **pene y su esperma saltó sobre mi pecho.** (http://www.yolatranx.com/relatos/relatos_transexuales1.htm. Grifos meus).*

Essa gramática sexual embaralhada que parece gerar excitação, pode encontrar seus limites no deslocamento dos corpos pelos territórios. Nessa perspectiva, cabe questionar se distante do cenário de “paraíso sexual” o jovem espanhol estaria disposto a vivenciar tal

²⁸ Segundo Vale de Almeida a masculinidade hegemônica se define como “um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidianas de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino; e que a masculinidade não é simétrica de feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser. (...) Segue-se que as masculinidades são construídas não só pelas relações de poder, mas também pela inter-relação com a divisão do trabalho e com os padrões de ligação emocional. Por isso, na empiria, se verifica que a forma culturalmente exaltada de masculinidade só corresponde às características de um pequeno número de homens” (Vale de Almeida. 2000:17 e 150).

²⁹ O conceito de transgênero tem sido usado como um termo “guarda-chuva” capaz de abrigar travestis, transexuais, transformistas, *drag-queens*, entre outras expressões de gênero que não se ajustam às definições “gay” e “lésbica”. O movimento social tem discutido o uso do termo sem chegar a um consenso quanto a sua validade política, uma vez que essas diversas identidades de gênero buscam se particularizar e não ao contrário. Dentro da academia o termo esta sendo usado, não sem levar a discussões e reflexões. Por isso o uso entre aspas ao longo de este texto.

experiência. Ou se essa territorialização/desterritorialização pode se dar dentro de uma mesma cidade, apenas pelo deslocamento entre áreas urbanas simbolicamente marcadas? Os corpos com suas marcas étnicas, eróticas, de gênero e classe, não teriam estas distintamente interpretadas conforme se movem e se resituam (seja num outro país, bairro, esquina, *piso*)? Quais são marcas desses corpos tidas como relevantes para que a relação comercial/sexual se efetue no concorrido mercado espanhol do sexo? Qual seria o peso da nacionalidade nessa tensão? Ou o jogo dos gêneros, e a expectativa de práticas sexuais fora da heterossexualidade, se sobrepõem aos aspectos étnicos e de nacionalidade?

Se, como propõe Laura Agustín, hoje em dia são as “transexuais”³⁰ as profissionais do sexo que mais sabem seduzir dentro do espectro de prazeres buscados no mercado sexual europeu (2006: 07), quais códigos de sedução elas dominam que as diferencia?

Essa singularidade circunscreve-se apenas ao fato de serem “trans” ou se relaciona com imagens criadas e difundidas em torno de certas nacionalidades?³¹ Questões que fazem da relação entre nacionalidade/etnicidade, corporalidade e travestilidade, uma questão de fundo neste trabalho, e que minha pesquisa, ainda inicial, tem procurado dar conta.

A partir da perspectiva teórica de que gênero e raça são marcadores de diferença que devem ser pensados de maneira articulada, parece-me que as travestis brasileiras experimentam de maneira distintas a sexualização de sua “raça”/etnia/nacionalidade e a racialização de seu gênero, conforme se deslocam pelos territórios. Mesmo no Brasil, a significação desses marcadores tende a variar, uma vez que a corte de classe também é significativo e pauta as relações entre elas e os clientes, sendo a percepção de “raça” informada por essas diferentes miradas. Transpor as fronteiras de classe é um elemento de tensão e “tesão” que perpassa as relações entre travestis e clientes e se expressa com frequência em relatos postados em fóruns e blogs especializados. Essa constatação me faz pensar na proposta de Bataille (1987) sobre erotismo e a exigência de movimentos de ruptura que preparem os corpos para o prazer.

³⁰ Alguns autores de língua castelhana não fazem distinções relevantes entre transexuais e travestis. De acordo com observações feitas por Cecília Patrício (comunicação pessoal) e por relatos de informantes, na Espanha privilegia-se o termo transexual sem considerar os aspectos patologizantes que o cercam.

³¹ Glória Patrícia Barrero cita Mimi Sheller para traçar um paralelo entre a construção geográfica e simbólica de uma região e os atributos “naturais” que as pessoas ali nascidas incorporariam. “Sheller argumenta que el Caribe es una tierra inventada, que ha sido desnaturalizada y renaturalizada en procesos trasatlánticos de consumo que han ligado la conceptualización del territorio con las relaciones sociales de sus habitantes. (...) En este contexto la mujer caribeña es construida en relación al Caribe geográfico: una mujer para el consumo, servil, exótica, y salvaje. Las representaciones de ‘la mujer’ de piel sedosa y canela con apetito insaciable para el sexo y ‘la mujer’ de piel oscura pero sonrisa amplia, hecha para servir, son sistemáticamente usadas para promocionar lugares de turismo Caribeño, como explica Beverly Mullings en el caso de Jamaica. Estas construcciones fantásticas, en muchos casos, marcan racialmente a las mujeres provenientes de países del caribe, incluyendo el Brasil (Barrero. 2005: 141-142).

Os dados que tenho até o momento indicam que o deslocamento territorial que o cliente faz em busca do serviço sexual da travesti já consiste por si só um ato excitante e considerado por muitos deles como transgressor³², pois saem das zonas “respeitáveis” da cidade para uma margem simbólica, onde se encontra toda uma vasta marginália de tipos urbanos. Esse deslocamento implica também em perigo, mesmo que só imaginado ou presumido. Acionando o medo como elemento de excitação. O relato de um cliente em um *blog* brasileiro traz muito desses “movimentos de ruptura” que, para Bataille, o erotismo exige:

Madrugada quente de verão, uns 25° em pleno começo de madrugada, no meio da caminhada um dos amigos nos sugere **ir olhar os travecos no seu ponto tradicional** da praça Rotary e dar uma zoadá (...)Eis que me vejo em uma das travessas, a diante uma travesti que me chamou a atenção, morena lindíssima, **micro saia de couro preto, deixando a mostra coxas super grossas, muito bem torneadas, em cima um tope tipo rede metálica, dourada, deixando a mostra os seios de tamanho médio deliciosos**, cabelos negros cumpridos e vastos até quase a cintura, **uma cara de safada sem igual (...)** Com uma mistura de medo, **pânico e louco de tesão** sou conduzido àquele **espaço sujo, com forte odor de mijo e lixo**, as paredes úmidas cobertas de limo, apenas um fio de luz deixa na penumbra o primeiro metro daquele pequeno pedaço. (...) Com uma rapidez e avidez nunca antes presenciada por mim, já abriu minha calça e colocou meu membro para fora, engolindo-o por inteiro (...), **encostado naquela parede nojenta e áspera, olho para cima e vejo o céu incrivelmente limpo da cidade** e tento desviar o pensamento para não gozar. Ela se ergue, **passa meu pau nos seus seios depois barriga, meu pau encontra com o dela, também duríssimo já fora da calcinha e encontra seu saco, duro e grande, ela gira em um salto e quando vejo ela sem qualquer proteção ou cerimônia começa a enfiar meu pau em seu cuzinho (...)**. Em um segundo ela me força contra a parede e já estou inteiro dentro daquela bunda deliciosa (...). **Já perdendo as forças bato a nuca na parede várias vezes, porém a dor se mistura com o prazer (...)**. Sem conseguir puxar o ar com **uma verdadeira sensação de morte de abandonar o corpo**. (...) Despenco sentado no chão. (...) Ela se ajoelha a minha altura e me beija quase fazendo uma respiração boca a boca, **estamos suados, molhados, seu cheiro é forte, misturado com perfume barato o que volta me deixar excitado (...)**. Após alguns minutos, **uma desesperada sensação de nojo, arrependimento e medo tudo misturado toma conta de mim**, tenho de sair correndo. (Blog T, 09/07/2006. www.blogt.da.ru. Grifos meus)

Os trechos grifados evidenciam aspectos eróticos que começam com o deslocamento territorial, pelo qual o cliente se torna de certa forma estrangeiro. Segue-se, então o quase desnudamento da travesti que, acompanhado da “cara safada”, evidencia o obsceno. Depois, a

³² O que pode se acentuar (ou não) quando, nesse movimento, o cliente busca e encontra um corpo que é como um outro território, não só pelos aspectos já mencionados do “embaralhamento” de gêneros, mas também por ser tratar de uma pessoa de outro país.

travesti, corpo que encarna o feminino, conduz a cena e assume, assim, o papel ativo³³. O lugar onde se dá o sexo é público, perigoso, sujo, em contraste com o “céu limpo da cidade”, onde o sexo é caseiro, doméstico, previsível, procriativo. Em meio a odores, a dor se mistura com o prazer quando a travesti lhe oferece o ânus, sem proteção, sem o higienismo do preservativo que não combinaria com o beco que recende a urina e a perfume barato. Cheiros que vivificam que ele está em outro lugar de classe, está fora de seu estado normal, quase parece morrer, num êxtase mudo³⁴. Então ele foge. O relato continua com o protagonista contando de seu horror diante do ato praticado, que o levará a negar seu prazer e a desprezar o “objeto” do seu desejo. Para as travestis, nasceria aí, mais uma “maricona”.

Dentro das demarcações de gênero e práticas sexuais estabelecidas pelas travestis, o oposto da “maricona” é o “homem de verdade”. Este é sempre “ativo”, por isso, penetrador e dominador. Porém, a gama de classificações é mais ampla. O cliente pode ser o “varejão”, o “penoso”, o “truque”, o “fino”, predicados que não passam necessariamente pelo seu comportamento sexual, mas por atributos como juventude, beleza, posses materiais, a forma como as aborda no momento da negociação do programa, enfim, por códigos outros que não estão referidos diretamente à sexualidade. A partir dessa tipologia as travestis podem orientar formas de interação com seus clientes, o que as ajuda a se protegerem, praticar sexo da maneira que julgam mais adequadas àquele homem e, mesmo, eleger um parceiro. Tem sido interessante verificar como as travestis brasileiras se situam em relação aos clientes estrangeiros, pois estas referidas classificações parecem não encontrar respaldo empírico fora da cultura sexual a que estão mais acostumadas. Os dados que tenho até o momento apontam para uma tentativa de classificação que reproduz aquelas utilizadas no Brasil, mas que nem sempre servem para localizar as travestis no que se refere a esse homem³⁵. Nesses momentos a marca da

³³ Maria Filomena Gregori sublinha que “a concepção de erotismo como transgressão às convenções morais é perpassada pelo posicionamento da relação masculino/feminino a partir de uma díade entre ativo e passivo” (Gregori. 2004: 236). No caso das travestis, o corpo que encarna o feminino, há outro elemento de violação das convenções, pois não se trata apenas da “inversão” possível de papéis, mas também do contato com o sêmen da travesti e de toda uma performance na qual a submissão pode facilmente se transformar em dominação do parceiro masculino e supostamente ativo. Num jogo que o cliente sabe possível, mas que pode conduzir como se não fosse, salvaguardando o que considera desejável como expressão da masculinidade.

³⁴ Gregori vale-se das sugestões de Jane Gallop sobre a leitura que Bataille faz de Sade, para trabalhar a associação de erotismo com a fantasia de soberania. Segundo a leitura de Gregori, essa “tal fantasia supõe que o sujeito desejante busque o êxtase na negação das posições sociais, na negação da fala (o silêncio seria a condição especial do libertino), numa fusão em que as diferenças entre parceiros sejam super enfatizadas para, em seguida, serem dissolvidas ou negada” (Gregori. 2003: 99).

³⁵ Uma de minhas colaboradoras declarou em entrevista para o Ricon Tranny (site espanhol especializado em sexo com travestis), que a situação mais insólita que já havia enfrentado sexualmente como profissional foi receber um pedido para introduzir uma imagem de Nossa Senhora no ânus do cliente. Quando eu pude conversar com ela, pelo MSN e fiz perguntas sobre esse episódio e pedi a ela que me descrevesse o tal programa e o cliente, ela o chamou de

nacionalidade aparece como um referente seguro que reforça alguns estereótipos. Estes circulam pelas redes da travestilidade no que se refere o cliente europeu, visto como sem higiene corporal e tido como mais “vicioso”³⁶ que o brasileiro, pois que experimenta todas, sejam travestis ou mulheres, brasileiras, equatorianas, maltesas ou eslavas. Além disso, afirmam as travestis, esses homens são mais afeitos a jogos sexuais variados, tais como dominação, inversão de papéis, uso de objetos diversos durante o programa etc. O que os diferencia esses desejos ainda me cabe explorar.

A indústria transnacional do sexo e seus prazeres

Mercado do sexo e indústria do sexo têm sido usados até agora como termos intercambiáveis. Cabe aclará-los. Para Agustín a indústria do sexo

incluye burdeles o casas de citas, clubes de alterne, ciertos bares, cervecerías, discotecas, cabarets y salones de cóctel, líneas telefónicas eróticas, sexo virtual por Internet, sex shops con cabinas privadas, muchas casas de masaje, de relax, del desarrollo del ‘bienestar físico’ y de sauna, servicios de acompañantes (call girls), unas agencias matrimoniales, muchos hoteles, pensiones y pisos, anuncios comerciales y semi-comerciales en periódicos y revistas y en formas pequeñas para pegar o dejar (como tarjetas), cines y revistas pornográficos, películas y videos en alquiler, restaurantes eróticos, servicios de dominación o sumisión (sadomasoquismo) y prostitución callejera: una proliferación inmensa de posibles maneras de pagar una experiencia sexual o sensual. Está claro entonces que lo que existe no es ‘la prostitución’ sino un montón de distintos trabajos sexuales (Agustín. 2000: 03).

Mercado do sexo e indústria do sexo têm sido usados até agora como termos intercambiáveis. Cabe aclará-los. Para Agustín a indústria do sexo

incluye burdeles o casas de citas, clubes de alterne, ciertos bares, cervecerías, discotecas, cabarets y salones de cóctel, líneas telefónicas eróticas, sexo virtual por Internet, sex shops con cabinas privadas, muchas casas de masaje, de relax, del desarrollo del ‘bienestar físico’ y de sauna, servicios de acompañantes (*call girls*), unas agencias matrimoniales, muchos hoteles, pensiones y pisos, anuncios comerciales y semi-comerciales en periódicos y revistas y en formas pequeñas para pegar o dejar (como tarjetas), cines y revistas pornográficos, películas y videos en alquiler, restaurantes eróticos, servicios de dominación o sumisión (sadomasoquismo) y prostitución callejera: una proliferación

“maricona viciosa” e “pervertido”. Ao fim, a travesti disse: “ai, mulher, não sei... mas aqui tem cada coisa! Uns homens que são podres nesse negócio de sexo. Bem diferente daí do Brasil”.

³⁶ Categoria polissêmica que conota fraqueza moral, mas também se aplica ao envolvimento afetivo com clientes, assim como pode servir para classificar os homens que confundem sexo comercial com aventuras sexuais que não se inserem no contexto do sexo pago. O termo também é utilizado na Espanha, mas, pelo que pude observar, com sentido menos pejorativo do que no contexto brasileiro.

inmensa de posibles maneras de pagar una experiencia sexual o sensual. Está claro entonces que lo que existe no es 'la prostitución' sino un montón de distintos trabajos sexuales (Agustín. 2000: 03).

Como salienta a mesma autora, se há uma indústria é porque há um mercado, do qual fazem parte também aqueles que demandam os serviços e produtos, os que trabalham na sua produção, os que administram os negócios, bem como os que oferecem os serviços. As travestis têm se inserido nesse negócio não só como vendedoras de sexo, mas também como agenciadoras, atrizes, administradoras de pisos, entre outras atividades próprias dessa indústria. Explorar essa inserção é pensar também nas linhas que se cruzam para conformar essa trama e efetivar a rede que as mantém em fluxo e atuantes. Patrício (2005) indica um conjunto de atrativos que, pelos meios de comunicação e por contatos pessoais, circulam no Brasil e que podem contribuir para criar um cenário alvissareiro para a emigração travesti para Espanha: anistia aos imigrantes ilegais; legalização do casamento entre casais do mesmo sexo; a adoção de crianças por esses mesmos casais, sugerindo um País mais aberto nos termos morais. Neste sentido, Agustín observa que

La sociedad española sigue, a pesar de muchas formas de 'apertura' y 'modernización' en temas sociales, con el discurso de que la normalidad es la familia nuclear o la pareja (que ahora puede ser homosexual en ciertos sitios). Sin embargo, esa familia/pareja, sobre todo de la clase media, busca hoy en día en el mercado servicios tradicionalmente desempeñados por sus propios miembros: los servicios domésticos, de cuidado y sexuales (Agustín. 2002: 10).

Ou seja, a demanda existe³⁷, e as travestis brasileiras, de uma forma ou de outra sabem disso, pois a comunicação se faz a partir de uma rede informal, mas eficiente, que divulga desde dados oficiais até experiências pessoais, passando por mitificações, mentiras e fantasias acerca do mercado do sexo transnacional.

Trabalhos recentes de ativistas e acadêmicos mostram uma crescente dinamização na indústria do sexo espanhola (Fernández. 2001, Piscitelli. 2005, Agustín. 2000), dado que se soma às diversas motivações para se migrar para países considerados ricos. Ali, o projeto de construir um corpo de mulher se viabilizaria num espaço mais curto de tempo. O corpo transformado,

³⁷ Agustín refere-se a cifras que registram que um milhão de homens compra serviços sexuais diariamente na Espanha. A mesma autora ressalta que, ainda que estas cifras sejam certas, elas não dão conta de todos os serviços que a indústria do sexo oferece naquele país (Agustín. 2002: 09).

acreditam muitas delas, atrairia mais clientes no mercado sexual europeu, onde, segundo afirmam, a concorrência é acirrada e os homens buscam “variedade”. Esse menu diversificado incluiria sexo com uma “mulher com pau” que, além de ser “mais feminina”³⁸ que as biológicas, possa ser mais carinhosa³⁹, justamente por ser latina. A latinidade pode agregar ainda aspectos subalternizantes que não estão inscritos só na pele, mas fazem parte de uma gramática internacional em que o jogo político historicamente marcado hierarquiza as nacionalidades. Os do Sul teriam na dificuldade de possuírem papéis que legalizem sua permanência no Norte, mais um fator de inferioridade⁴⁰. Ainda que, segundo a literatura e os dados de organismos internacionais, os/as migrantes encontrem mecanismos para driblar essas barreiras, o que fomenta o pânico entre os membros da Comunidade Européia e alimenta um discurso em que o tráfico de pessoas dá a tônica. Como sublinham Laura Agustín, Kamala Kempadoo, Adriana Piscitelli, entre outras, questões políticas se imbricam nessa teia onde o fluxo de corpos tornou-se um tema relevante para as nações de capitalismo avançado.

As discussões já desenvolvidas sobre os significados políticos-econômicos dos deslocamentos de pessoas do Sul em direção a países da Comunidade Européia têm apontado para as desigualdades estruturais que orientam essas migrações e como estas são percebidas e enfrentadas pelos europeus (Piscitelli 2004, 2006, Kempadoo. 2005, Agustín. 2005, 2006). Nessa relação já se evidenciou que as marcas étnicas são denunciadoras, podendo acionar posturas de recusa e promover discursos xenófobos. No caso das/dos trabalhadoras/res do sexo há ainda implicações morais nessas sentenças acusatórias. E quando se tratam de travestis, cujos corpos são duplamente marcados por aspectos étnicos/nacionais e por uma “incoerência” em termos de gênero, quais têm sido as ações em nível comunitário e político no sentido de frear essa mobilidade?

Pelo prisma da clientela espanhola com a qual tenho trabalhado na rede (internet), esse fluxo é excitante e preocupante. A variedade sexual que valorizam encontra seu limite nas transformações que estes clientes experimentam em seu cotidiano de homens pertencentes à

³⁸ Em entrevista pelo MSN, logo no início de minha pesquisa de doutorado, teclei com um homem espanhol que declarou procura nas travestis justamente a feminilidade, uma vez que, segundo percebe “la chicas de hoy en día pierden su feminidad” (Entrevista concedida à pesquisadora em 12/12/2004).

³⁹ Também por MSN, uma travesti paulista que está neste momento em Madri, me diz que um traço que lhe chamou a atenção entre os clientes espanhóis foi de serem “carentes”. “Se você faz com que ele tenha um bom momento, te liga, volta sempre... eu, sinceramente, prefiro mil vezes os daqui [em relação aos brasileiros]” (Entrevista concedida à pesquisadora em 07/09/2006).

⁴⁰ É interessante notar que as travestis, mesmo vivendo no Brasil, são geralmente “indocumentadas”, vivem sem “papéis” em seu próprio país. Geralmente saem de casa sem certidão de nascimento ou qualquer outro documento ou quando os têm evitam mostrá-los para assim driblarem constrangimentos. O roubo, perda e retenção dos mesmos também são freqüentes entre elas.

Comunidade Européia: ruas cheias de emigrantes de várias partes pobres do mundo, mais violência urbana, sensação de que estão “perdendo” seu lugar, são algumas dessas modificações negativamente valoradas. Até este momento de minhas investigações, parece que o sentimento dúbio que eles têm pelas travestis também se coloca na relação que elas experimentam com esta parte específica da sociedade espanhola. O desprezo que muitas vezes manifestam por esses homens “viciosos”, inconstantes e “perversos”, se mescla com o desejo de que um deles as tome como esposas, reconhecendo assim que travestis não são apenas “máquinas de fazer sexo”. Desta maneira, acreditam, poderiam ter a ansiada “vida normal”, longe da pobreza do Terceiro Mundo e da homofobia que as atinge diuturnamente.

Por sua parte, esses homens buscam nas travestis brasileiras mais que “*una buena folla*” [uma boa foda]. Querem aventurarem-se, provar novidades, correr riscos. Desejos que reforçam os traços da masculinidade hegemônica e que, independente da posição sexual que venham a adotar, os faz sentir em clara vantagem em relação a suas parcerias. Pois eles são os que pagam, os com documentos, os machos, os europeus. Mas é, muitas vezes, na inversão dessas hierarquias que o desejo e o prazer operam⁴¹, alimentando a demanda pelas travestis brasileiras. E, curiosamente, os fazendo sentirem-se mais homens, a partir de uma relação que só alcança seu sentido abrangente se vista pelo prisma dos jogos internacionais de poder.

⁴¹ Essa inversão parece operar também em outros contextos eróticos. Por exemplo, Camilo Braz, que pesquisa relações homoeróticas em espaços sadomasoquistas, reproduz uma conversa que teve com um de seus colaboradores sobre práticas eróticas entrecruzadas com marcadores de raça e classe, como aparece no diálogo abaixo:

acho que um fetiche já seria o cara ser negro e dotado...eu sou um cara branco de classe média alta...já é algo que pode ser considerado diferente do meu universo

[o cara ser negro e dotado?]

É...na verdade é uma dominação invertida...porque o cara serve pra transar...mas talvez não sirva pra namorar...risos [CARLOS, 34 anos, São Paulo-SP]

“Marcadores sociais de diferença informam não apenas a constituição dos sujeitos e a inscrição das corporalidades inteligíveis e desejáveis nos clubes de sexo, mas também, em algumas circunstâncias, são percebidos enquanto elementos a partir dos quais são criadas possibilidades de transgressão erótica” (Braz. 2008: 21).

Bibliografia

- AGUSTÍN, Laura. “Trabajar en la industria del sexo”. **OFRIM Suplementos**, nº 6, Madrid, OFRIM, 2000, pp.155-172. www.nodo50.org/mujeresred/laura_agustin-1.html
- AGUSTÍN, Laura. ¿Qué conexión hay entre la industria del sexo y la familia española? In **Sexualidades: Diversidad y Control Social**, O. Guasch y O. Viñuales (coord.) Barcelona: Editorial Bellaterra, 2002.
- AGUSTÍN, Laura. “La industria del sexo, los migrantes y la familia europea”. **Cadernos Pagu**. Campinas: PPGAS/Unicamp, nº 25, 2005 (105 -128).
- AGUSTÍN, Laura. “Atreverse a cruzar fronteras: migrantes como protagonistas”. **Viento Sur**, Nº. 87, 2006 (pp. 73-82).
- BARRERO, Gloria P. D. “Stripers, bailarinas exóticas, eróticas: identidad e inmigración en la construcción del Estado canadiense”. **Cadernos Pagu**. Campinas: PPGAS/Unicamp, nº 25, 2005 (129-152).
- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Porto Alegre: L&PM. 1987.
- BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. Dissertação de Mestrado - PPGAS/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: abril de 2000. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ondina Fachel Leal.
- BRAH, Avtar. “Diferença, Diversidade, Diferenciação”. **Cadernos Pagu**. Campinas: PPGAS/Unicamp, nº 26, 2006 (329 -376).
- BRAZ, Camilo. (Dis)posições: gênero, desejo, práticas sexuais e marcadores de diferença entre homens que freqüentam clubes de sexo. Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. 2008 (Mimeo).
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que Importan – Sobre os límites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires/Barcelona, México: Paidós. 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 28, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Oct 2007.
- DENIZART, Hugo. *Engenharia Erótica – Travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1997.
- FERNÁNDEZ, Isabel. “Las Nuevas Retóricas de la Inmigración Femenina: La Prostitución en las Calles de Barcelona”. **Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, Nº 94 (100), 1 de agosto de 2001.
- GREEN, James. 1999. **Além do Carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora da Unesp.
- GREGORI, Maria Filomena. “Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M”. In: GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana; CARRARA, Sergio (Org.). **Sexualidade e Saberes:**

- Convenções e Fronteiras.** 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004, v. 1, p. 235-255.
- GREGORI, Maria Filomena. Violence and eroticism. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 20, 2003 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Nov 2007.
- KEMPADOO, Kamala. “Mudando o Debate sobre Tráfico de Mulheres”. **Cadernos Pagu**. Campinas: PPGAS/Unicamp, nº 25, 2005 (pp. 55-78).
- KEMPADOO, Kamala. **Gender, race and sex: exoticism in the Caribbean**. Paper apresentado no Simpósio Internacional O desafio da diferença: articulando gênero, raça e classe, Salvador, Brasil, 2000.
- KEMPADOO, Kamala. “Mudando o Debate sobre Tráfico de Mulheres”. **Cadernos Pagu**. Campinas: PPGAS/Unicamp, nº 25, 2005 (pp. 55-78).
- LECLERC, Gerard. **Crítica da Antropologia**. Lisboa: Editorial Estampa. 1973.
- LEITAO, Débora Krischke. “Nós, os outros: construção do exótico e consumo de moda brasileira na França”. **Horiz. antropol.** , Porto Alegre, v. 13, n. 28, 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Jan 2008. doi: 10.1590/S0104-71832007000200009.
- LOURO, GUACIRA LOPES. “Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação”. **Rev. Estud. Fem.**, 2001, vol.9, no.2, p.541-553. ISSN 0104-026X.
- MISKOLCI, Richard e PELÚCIO, Larissa. “Fora do Sujeito e fora do lugar: Reflexões sobre Performatividade a partir de uma etnografia entre travestis”. **Gênero**. Rio de Janeiro (No prelo).
- OBANO, Elena. **Trabajadoras Sexuales Migrantes**. 2003. Disponível em <http://www.whrnet.org/docs/tema-trabsexmigrantes.html>
- PATRÍCIO, Maria Cecília. **Travestismo: mobilidade e construção de identidades em Campina Grande**. Dissertação de Mestrado - PPGA/UFPE. Recife: 2002. Orientador: Prof. Dr. Russel Parry Scott.
- PATRÍCIO, Maria Cecília. **Travestilidade: Mobilidade e Tecnologias Corporais (Um Estudo Sobre Brasil e Espanha Através de Representações de Identidade de Travestis Brasileiros)**. Projeto de doutorado. 2005. Mimeo.
- PELÚCIO, Larissa. “Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre prostituição travesti”. **cadernos pagu**. Campinas: PPGAS/Unicamp, nº 25, 2005 (pp. 217-248).
- PELÚCIO, Larissa. “O Gênero na Carne: Sexualidade, Corporalidade e Pessoa – uma etnografia entre travesti paulista”. In Grossi, Miriam P. & SCHWADE, Elisete. **Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade**. Florianópolis. Nova Letra/ABA. 2006.
- PELÚCIO, Larissa. “Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem”. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis: 2006a (pp. 522-524).
- PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo. Brasiliense. 1987.

- PISCITELLI, Adriana. Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 19, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 Dez 2007. doi: 10.1590/S0104-83332002000200009.
- PISCITELLI, Adriana. “Entre a praia de Iracema e a União Européia: turismo sexual internacional e migração feminina”. In PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena & CARRARA Sergio (org.) *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro. Garamond. 2004.
- PISCITELLI, Adriana. “Exotismo em confronto: corporalidade, gênero e nacionalidade no marco da indústria transnacional do sexo”. XXIX Encontro Anual da ANPOCS: XXIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu. 2005.
- PISCITELLI, Adriana. **Exotismos? Gênero, Corporalidade e Nacionalidade na Inserção de Brasileiras na Indústria Do Sexo Na Espanha**. Projeto de Pesquisa para Estágio Pós -Doutoral de Pesquisa apresentado à Fapesp. 2006.
- PISCITELLI, Adriana (Org). Secretaria Nacional de Justiça. **Tráfico de mulheres no universo de deportadas e não admitidas que retornam ao Brasil via aeroporto de Guarulhos. Relatório final de pesquisa**, Brasília, 2005.
- PISCITELLI Adriana. “Brasileiras na Indústria Transnacional do Sexo”, Nº 7, **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, mis en ligne le 12 mars 2007, référence du 11 octobre 2007, disponible sur: <http://nuevomundo.revues.org/document3744.html>. 2007.
- RUBIN, Gayle. “Pensando sobre Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade”. **Cadernos Pagu**, 2003, nº. 21 (pp. 01-88).
- SAID, Edward. **Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso. 2007.
- SILVA, Hélio R. S. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER, 1993.
- TREVISAN, João S. **Devassos no Paraíso – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro e São Paulo: Record. 2004.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de Si – um interpretação Antropológica da Masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 2000.
- WELZER-LANG, Daniel. “Construção do Masculino: dominação das mulheres e a homofobia”. **Revista de Estudos Femininos**. Florianópolis, UFSC, ano 9, vol.9, segundo semestre de 2001, p.461-481.
- WELZER-LANG, Daniel. “Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo” In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2001, p. 107-128.